

DEPOIS DA CHUVA, O SOL SE PÔS: Entrevista com Marcos Reigota¹

Para comemorar os 22 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba - UNISO em 2018, o Grupo de Estudos “Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar”, coordenado por Alda Romaguera² desenvolveu uma pesquisa que selecionou as 42 dissertações e teses desenvolvidas pelo PPGE, no período de 2000 a 2019.

A pesquisa foi realizada a partir de um roteiro com uma listagem das pesquisas selecionadas, cada participante do grupo de estudos escolheu as pesquisas que gostaria de ler respondendo as seguintes perguntas em seu parecer: 1. De onde vêm? 2. A pesquisa tem fazeres em vizinhança com quais áreas? 3. A pesquisa tem metodologias que permitem encontros fronteiriços? Esta entrevista surgiu da necessidade de reforçar a importância que a perspectiva ecologista adquiriu nos estudos de cotidiano escolar, despontando Marcos Reigota como o orientador da maioria das dissertações e teses selecionadas.

Realizada por Marta Catunda³ na Biblioteca da Uniso. Em uma tarde quente com cheiro de chuva...

Marta: *Como foram os primeiros 10 anos como orientador das pesquisas de mestrado em educação da Uniso?*

Marcos: *Nesses dez primeiros anos, as dissertações que orientei estiveram bastante marcadas pelo estudo sobre as representações sociais. Neste período houve no PPGE um processo nebuloso com a CAPES, porque foi mudada a forma de reconhecimento do mestrado. Antes a universidade começava com o mestrado e depois a CAPES o reconhecia. No meio do caminho isso foi*

¹ Marcos Reigota, professor e pesquisador no campo do Cotidiano Escolar e da Educação Ambiental, autor de obras como “Ecologistas”, “A Floresta e a Escola”, “O que é Educação Ambiental”, entre outras. Doutor em Filosofia da Biologia pela Universidade Católica de Louvain la Neuve professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, na Linha de Cotidiano Escolar, com ênfase nas Perspectivas Ecologistas em Educação.

² Alda Romaguera, professora Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, na Linha de Cotidiano Escolar, coordenadora responsável da pesquisa dos 22 anos, do Grupo Ritmos de Pensamento.

³ Marta Catunda foi pesquisadora pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, junto ao Grupo de Estudos “Perspectivas Ecologistas em Educação”, onde realizou também seu Doutorado em Educação, sob a orientação de Marcos Reigota. Era educadora e artista, atuando na Rede de Educação Estadual de São Paulo. Nos deixou no início de agosto de 2021.

alterado, passou a ser primeiro a CAPES reconhece e depois começa o curso. Então as primeiras dissertações já tinham sido defendidas, e de repente a CAPES obrigou que elas fossem defendidas novamente, um caso único dentre as universidades brasileiras. Quando eu cheguei à Uniso estava bastante envolvido com a teoria das representações sociais e tentando dialogar com colegas brasileiros que trabalhavam com essa teoria. Com as minhas orientandas, chegamos até a participar de um congresso internacional que aconteceu no Rio Grande do Norte. Minhas orientandas apresentaram trabalhos e fizeram fotos com o Serge Moscovici. Esse foi o último congresso sobre representações sociais que participei (creio que foi em 1999). Eu já estava começando uma ruptura, um distanciamento teórico, pois a teoria das representações sociais estava entrando num caminho muito estruturalista, e era tudo que eu não queria. O meu livro “Ecologistas” estava para sair e era um distanciamento do estruturalismo. Eu havia apresentado em 1995 no congresso da ANPEPP- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, o que viria a ser o livro “Ecologistas” no Grupo de Trabalho sobre Representações Sociais, e foi nessa ocasião que a Mary Jane Paris Spink e o Pedrinho Guareschi nomearam o que eu estava fazendo de “narrativas ficcionais”. Nesse trabalho, apesar de partir das representações sociais, eu apresentava uma vertente e ruptura epistemológica com o que estava sendo feito (e considerado como “dentro” da teoria) pelos colegas no Brasil e no exterior, enfim era o apogeu do estudo do núcleo central das representações sociais e eu trabalhando com narrativas e ainda mais, ficcionais...

Esse meu movimento de distanciamento do que estava sendo produzido naquele momento, portanto com quase nula interlocução com os colegas, coincide com o mesmo movimento que a Mary Jane Paris Spink estava fazendo e começamos uma parceria muito interessante e produtiva. Nosso primeiro encontro se deu no GT Representações Sociais da ANPEPP, como já relatei. No encontro seguinte, que aconteceu em Gramado, eu apresentei o esboço do que viria a ser o meu livro “Iugoslávia: Registros de uma barbárie anunciada” e daí o grupo rachou de vez... Quando apresentei o trabalho sobre a desintegração e a sanguinária guerra civil que aconteceu na Iugoslávia, Mary Jane estava em ano sabático em Cambridge. Quando ela voltou da Inglaterra, ela estava propondo um novo grupo e me convidou para participar. Esse grupo, que existe até hoje, levou o nome de Cotidiano e Práticas Sociais e é um dos grupos mais antigos da ANPEPP e com atividades contínuas desde então. Comecei a priorizar as pesquisas narrativas na Uniso. O meu livro “Ecologistas”, depois de ter sido recusado por *n* editoras, foi publicado com prefácio da Mary Jane. A primeira dissertação que orientei na Uniso, em que as

narrativas ficcionais foram incluídas, foi a da Sheila Katzer Bovo⁴. Depois teve a dissertação do Alexandre de Freitas Silva⁵ e daí perdi a conta...

Entre na Universidade de Sorocaba em 1998 e nesse ano e no seguinte publiquei vários artigos e livros resultantes dos anos de pesquisa anteriores. Publiquei os livros “A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna”, “Ecologia e elites na América Latina: Um estudo de suas representações sociais”, “Tendências da educação ambiental brasileira” (com Valdo Barcelos e Fernando Noal) e “Verde cotidiano”. Em 2000 fui para o Japão com bolsa da Fundação Japão para pesquisar sobre a memória das bombas lançadas pelos EUA sobre a população civil em Hiroshima e Nagasaki. Esse período no Japão foi radical e voltei determinado: “agora vou trabalhar na minha própria perspectiva teórica”. Foram muito importantes os encontros e conversas com as pessoas no Japão. Quando voltei ao Brasil após essa experiência pensei: “é isso que eu vou fazer, vou fundamentar e praticar a Perspectiva Ecologista de Educação seja aqui ou em outro lugar”. Então essa transição, entre antes e depois da viagem ao Japão é fundamental. O livro que escrevi, “Hiroshima e Nagasaki” foi recusado por todas as editoras para as quais enviei o texto, até que numa conversa com o Leandro Belinaso Guimarães ele me sugeriu publicá-lo como e –book. Foi uma ótima sugestão e tenho recebido periodicamente informações sobre downloads realizados e é uma quantidade surpreendente.

Em 2017 no XV Congresso Nacional de Investigación Educativa, realizado no México, eu apresentei um texto⁶ que refaz esse processo. Fui convidado para participar de uma mesa redonda, para falar sobre as pesquisas de educação ambiental e sobre representação social, porque os meus trabalhos tiveram um impacto significativo na América Latina e particularmente no México. As pessoas utilizam esses meus textos iniciais até hoje. Mas quando fui convidado disse aos meus anfitriões que estava afastado da teoria das representações sociais, sendo que o trabalho mais recente com essa teoria tinha sido a co-orientação de uma tese na Universidade de Santiago de Compostela⁷ e que estava profundamente envolvido com as narrativas. Então propus aos colegas do México, falar de como que eu tinha ido da teoria das

⁴ As representações sociais sobre os/as portadores de deficiência na escola. **Dissertação de mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Sorocaba, 2003.

⁵ Narrativas ficcionais e discursos sobre a violência no cotidiano escolar. **Dissertação de mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Sorocaba, 2004.

⁶ Presencias de la Teoría de las Representaciones Sociales y de la Investigación Narrativa en la construcción de la Perspectiva. Disponível em: <researchgate.net/publication/328411909_Presencias_de_la_Teoria_de_las_Representaciones_Sociales_y_de_la_Investigacion_Narrativa_en_la_construccion_de_la_Perspectiva_Ecologista_de_Educacion>, acesso em: agosto, 2020.

⁷ Francisca Marli Rodrigues de Andrade. Educação ambiental na Amazônia: Um estudo sobre as representações sociais dos pedagogos de Castanhal - Pará. **Tese de doutorado em Educação**. Universidade de Santiago de Compostela, 2014.

representações sociais às pesquisas narrativas. Eles aceitaram e foi muito legal.

Quando trabalhamos com as narrativas, também usamos como base as representações sociais, mas não como da forma anterior (através de questionários e entrevistas) e certamente bem distante do objetivo de identificação do “núcleo central das representações”, que se tornou hegemônico. Mas gostaria de enfatizar que tem havido um retorno, no Brasil, aos meus trabalhos iniciais e isso tem me deixado muito curioso e satisfeito. Uma mestranda da Universidade de São Paulo (USP) entrou em contato comigo, pois ela fazia uma digamos “releitura” das categorias das representações sociais que eu defini desde a minha tese de doutorado. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) Rafael Alves Cardoso⁸ defendeu o mestrado com a professora Clarilza Prado, que é uma das mais renomadas pesquisadoras das representações sociais. A dissertação dele é uma “releitura” de minha tese de doutorado, então, meus textos continuam sendo base para uma nova geração de pesquisadores de universidades pelo Brasil afora, mas também, pelo que sei, na Alemanha, Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Espanha Japão e México.

Acredito que isso aconteça pela pertinência e consistência que está sendo revista por uma outra geração, e que poderá ter continuidade. Houve uma institucionalização da educação ambiental e eu participei desse movimento. Continuo nele com as mesmas indagações iniciais acrescidas da experiência acumulada. A temática ambiental continua cada vez mais relacionada com o subjetivo, com os discursos, com o papel da mídia. A teoria das representações sociais está intimamente relacionada com a mídia mais clássica. Com as redes sociais as pesquisas mais recentes estão observando como que as novas mídias estão difundindo representações sociais sobretudo, então o interessante, me parece, é menos como analisar e categorizar essas representações, mas sim observar como nos posicionamos constantemente em relação a elas, nas nossas práticas sociais e pedagógicas cotidianas. Penso na impossibilidade, no contexto político, cultural e ecológico contemporâneo para realizarmos análises de discursos, seja pela hermenêutica, seja pelo estruturalismo. Os discursos (as representações sociais) nas redes sociais são claríssimos, de grande difusão, devastadores e nos provocam (nos exigem) posicionamentos constantes e cotidianos. Quais posicionamentos são esses? Como eles são narrados? Em quais espaços de validação científica e política as narrativas de posicionamentos emergem e estimulam processos pedagógicos e políticos dialógicos? São essas minhas indagações atuais e creio que os referenciais da teoria das representações sociais e das pesquisas narrativas têm esse ponto em comum. Precisamos estudar e aprofundar mais

⁸ Formação ecológica de crianças urbanas da cidade de São Paulo: Representação em formação. **Dissertação de mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação- PUCSP, 2018.

essas características do tempo presente que tenho chamado de “produção de ausência de sentidos”. O (re) encontro com a professora Clarilza Prado, via a dissertação do Rafael, me fez pensar muito nisso, sem falar nos constantes encontros com a Mary Jane, Nilda Alves, Nita Freire, Leandro Belinaso Guimarães, Murilo Moscheta e tantas outras pessoas, incluindo os meus orientandos e orientandas, com quem tenho dialogado nos últimos anos.

Marta: *Qual a influência de Paulo Freire na sua docência e na produção de pesquisas?*

Marcos: Há alguns anos publiquei um artigo⁹ narrando minha aproximação do Paulo Freire desde o início de minhas atividades como professor aos 23 anos. Dei continuidade aos meus estudos em filosofia da educação por conta do Paulo Freire, justamente pela crítica que ele fazia nos anos 1970 à escola e assim fui ser aluno dele na PUCSP em 1983. Quando comecei como professor e depois como mestrando eu estava muito interessado nas escolas e pedagogias alternativas (e evidentemente na presença da educação ambiental nesse contexto). Desde o início, minha prática pedagógica, minha reflexão, minhas pesquisas e textos, assim como minha militância política, esteve marcada pelo modo como eu “recebia” Paulo Freire.

Quando voltei da Bélgica, ele era Secretário da Educação do município de São Paulo, na gestão da Luiza Erundina. Eu acompanhei bastante esse período e tive alguns contatos com os colegas que trabalhavam na prefeitura e tentavam incluir a educação ambiental na política educacional e ambiental da cidade. Foi um período em que o Guattari esteve em São Paulo, me lembro da sua fala num órgão municipal localizado na Avenida Paulista. Eu perguntei ao Guattari por que ele sempre se referia a Célestin Freinet e não a Paulo Freire e ele me deu uma resposta bem grosseira...Logo depois que Paulo Freire saiu da Secretaria da Educação, começou o movimento preparatório para a Eco 92 (a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento) que aconteceria no Rio. Eu fui coordenador, no Brasil, de um projeto internacional iniciado e patrocinado pela Noruega chamado “A voz das crianças” e convidei vários colegas ligados à prefeitura de São Paulo para participarem. Tínhamos muitas reuniões no Parque Ibirapuera ou em outros espaços municipais. Quando aconteceu a Eco-92, a Luiza Erundina participou de um encontro com crianças de vários países, no contexto do projeto “A voz das crianças”, juntamente com o Al Gore, que era senador na época e depois veio a ser vice-presidente dos EUA. Isso que conto para vocês foi bastante documentado. Inclusive em Sorocaba foi realizado “A voz das crianças”, com o Gabriel Bittencourt e a professora Sonia Chebel, que se não me engano, era a

⁹ Affection, Environmental Education and Politics: Encounters with Nita and Paulo Freire. **International Journal of Critical Pedagogy**, v.5, p.41-49, 2013. O mesmo artigo foi publicado em português na revista **The Postcolonialist**, v.1, p.1-5, 2013.

diretora da Faculdade de Filosofia de Sorocaba. Eu nem podia imaginar que seis anos depois eu viria a ser professor da Universidade de Sorocaba...

Esse projeto foi realizado no período que eu era bolsista recém-doutor do CNPq na Unicamp. Lá eu trabalhei com a Roseli Pacheco Schnetzler que seria uma das organizadoras do convênio com a Unicamp para a organização do PPGE – Uniso. Depois da Unicamp eu fui para a Universidade de Genebra fazer o pós-doutorado. Esse período na Suíça foi muito produtivo em todos os sentidos, pois foi lá que escrevi e rascunhei praticamente todos os meus livros de “Meio ambiente e representação social” até o “Iugoslávia: Registros de uma barbárie anunciada”. Eu poderia ter ficado na Europa, mas eu queria voltar para o Brasil e numa conversa com a Roseli ela me convidou para compor o corpo docente do PPGE da Uniso. Eu ainda tinha que terminar o estágio no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt e depois disso eu poderia voltar e começar meu trabalho na Universidade de Sorocaba. Foi um desafio vir para a Uniso, pois era uma universidade (e ainda é) nova e até então desconhecida. O PPGE estava começando e os e as colegas da Unicamp que vieram para cá eram extremamente reconhecidos e competentes. Alguns como a Roseli, a Rosália Aragão e o Newton Aquiles von Zuben conheciam meu trabalho e me deram muito apoio, assim como o professor Marcos Marins que foi um dos fundadores do pioneiro e histórico Programa de Pós-graduação em Ecologia da UFSCar. Ele era o pró-reitor da Uniso e fez de tudo para que eu ficasse aqui.

Antes de vir para cá procurei conhecer a história da Faculdade de Filosofia de Sorocaba que deu origem à universidade e me deparei com uma história muito interessante. Conheci melhor a relação profissional, política e de amizade do professor Aldo Vannucchi (ele era o reitor e me acolheu de forma muito calorosa) com Paulo Freire e a própria presença de Paulo Freire na Faculdade de Filosofia três meses após a volta dele do exílio. Os seminários que ele deu aqui originaram o livro “Paulo Freire ao vivo”. Achei muito interessante tudo isso. Eu queria fazer parte da construção de uma Universidade, com essa perspectiva comunitária, e de um programa de Pós-graduação no qual fosse possível desenvolver, o que denominei depois de Perspectiva Ecologista de Educação. Além desses aspectos mais institucionais gostaria de enfatizar que pesou também o fato de Sorocaba ter um histórico importante relacionado com os movimentos sociais e ecologistas. Foi aqui que aconteceu o primeiro encontro de educação ambiental de São Paulo (e um dos primeiros do Brasil) em 1985 e onde apresentei o meu primeiro trabalho relacionado com a dissertação que eu pretendia defender na PUCSP.

Quando voltei ao Brasil para trabalhar na Uniso me deparei com uma certa resistência por parte de alguns colegas a tudo o que eu fazia e propunha. Eu não sabia muito bem os motivos dessa resistência ao meu trabalho e a mim. Mas os apoios foram muito maiores e a minha vontade de ficar também.

Ao voltar da primeira viagem ao Japão refiz as leituras de Freire. Passei a focar nas noções dele de “leitura de mundo” e na de “sujeito da história”. Essa segunda será central no meu trabalho. Em vez de procurar enfatizar e

identificar os “sujeitos da história” passei a perguntar “de qual história você é sujeito?”. E isso foi e tem sido muito provocador...

Nesse período eu comecei a trabalhar como consultor para as políticas de educação ambiental da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul (governo Olívio Dutra), e no Amapá (governo Capiberibe). No Rio Grande do Sul a presença de Paulo Freire era enorme, mas havia também leituras freirianas ortodoxas e messiânicas com as quais eu me confrontava principalmente com os colegas filiados a partidos que atuavam nas secretarias. O encontro com essas diferentes leituras e interpretações de Freire exigiram e me possibilitaram enfatizar a particularidade do que eu fazia. Nos momentos de maior embate eu tinha que explicitar que eu estava lá atendendo um convite que me fora feito. Os atritos aconteciam com os militantes da esquerda institucionalizada, sectária e controladora. Fui convidado para ser professor visitante do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fiquei lá três anos (oferecendo um módulo no final de cada ano) e co-orientei uma tese de doutorado¹⁰.

No Amapá aconteceram tantas coisas sensacionais que fica difícil escolher o que contar. Mas gostaria de registrar minha atuação, como professor convidado, na Universidade Federal do Amapá, que originou o livro “Trajetórias e narrativas através da Educação Ambiental” que organizei juntamente com Raquel Possas, (professora da Universidade Federal do Amapá e minha orientanda de mestrado) e Adalberto Ribeiro que depois viria a ser Secretário de Educação do Estado. Talvez a experiência mais freireana que tive por lá esteja relacionada com o encontro com o sindicalista rural Tomé de Souza Belo, amigo de Chico Mendes, na Escola-família do Marzagão. Esse encontro originou a narrativa “Sou neto do Tomé”¹¹. Outro encontro, muito forte e afetuoso, foi com a professora Maria José Rigamonti, diretora da Escola-família do Pacuí. Alguns anos depois desses nossos primeiros encontros pude falar dessas escolas no meio da Floresta Amazônica, na École Normale Supérieur de Sèvres, convidado pelo meu orientador de doutorado prof. Jean-Marie De Ketele. Ainda no Amapá, os encontros com os e as extensionistas rurais, pessoas que tinham práticas pedagógicas cotidianas, mas sem formação pedagógica, também foram muito marcantes. Os e as extensionistas conheciam as entranhas da Amazônia e tinham histórias fantásticas para contar. Fui convidado para atuar no Amapá e no Rio Grande do Sul porque foram os dois únicos estados que se recusaram a aplicar os PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais, do governo FHC. Minhas críticas aos PCNs chegaram até os colegas nesses Estados e o convite que me fizeram foi quase uma convocação a qual eu não podia faltar de jeito algum...

¹⁰ Rosa Maris Rosado. Na esteira do galpão: Catando leituras no território cotidiano da reciclagem do lixo de Porto Alegre. **Tese de doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

¹¹ Publicado em CANDAU, Vera Maria (org). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**, Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 111-134.

O nomadismo entre Sorocaba, São Paulo, Porto Alegre (e o interior do Rio Grande do Sul) e Macapá (e o interior do Amapá) foi algo inusitado, um processo de aprendizagem do Brasil e de suas entranhas, foi muito importante para o meu trabalho investigativo e reflexivo. Publiquei um artigo¹² sobre isso no livro organizado pela Mary Jane Spink e pelo Peter Spink.

As publicações, pesquisas, seminários e conferências públicas acompanharam esse processo nômade de aprendizagem do Brasil profundo, e de certa forma o resultado dessa experiência está no livro que escrevi com a minha orientanda de mestrado aqui na Uniso, Barbára Heliodora Soares do Prado: “Educação Ambiental: Utopia e Práxis:” Esse livro conta com a participação para lá de especial dos professores e professoras do Rio Grande do Sul e dos e das extensionistas rurais do Amapá. Esse período também é marcado pela aproximação com a Nita Freire. Ela e eu tínhamos amigos comuns, mas não nos conhecíamos. Nossa primeira conversa se deu no contexto do projeto de educação ambiental que o WWF e a Fundação Roberto Marinho patrocinavam, coordenado por Vera Rodrigues que resultaria no livro, organizado pela Vera, “Muda o Mundo Raimundo”. Paulo Freire faria o prefácio, mas ele faleceu pouco antes do livro ficar pronto, daí quem escreveu o prefácio foi o Gilberto Gil. No contexto desse projeto eram realizados vários seminários relacionados e num deles, que aconteceu no Rio de Janeiro, a Nita e eu participamos. Na ocasião perguntei a ela por que Paulo Freire tinha deixado a Secretaria de Educação de São Paulo, se tinha sido por questões partidárias (eu achava que era por isso). Ela respondeu que não, que não tinha sido por questões partidárias e que ele saiu da Secretaria para ter mais tempo escrever. O livro que ele escreveu nesse período foi “Pedagogia da Autonomia”. Esse livro casou com tudo aquilo que eu acreditava e com tudo o que eu estava praticando como professor e pesquisador. Depois desse encontro no Rio de Janeiro, a Nita e eu nos aproximamos, nos tornamos amigos e interlocutores. A presença dela em Sorocaba e na Uniso se intensificou e creio que podemos dizer que compomos um dos centros de investigação freireana, na vertente contemporânea representada pela influência do pensamento dela no (pensamento) dele e na interlocução que os dois tiveram. Nesse sentido quando falamos de Pedagogia FreireAna, não estamos nos referindo só ao Paulo Freire, mas também a Nita Freire e a relação profissional, política e afetiva que tiveram (continuam tendo). Daí a ênfase no “Ana” em Pedagogia Freireana, de Ana Maria Araújo Freire que é o nome completo da Nita.

Marta: *Você acredita que nos próximos anos essa discussão da perspectiva política de Paulo Freire virá à tona?*

¹² REIGOTA, Marcos. Quem lê tanta notícia? O meio ambiente na imprensa de Sorocaba, Florianópolis e Macapá. In SPINK, Peter; SPINK, Mary Jane Paris(orgs). **Práticas cotidianas e a naturalização das desigualdades: Uma semana de notícias jornais**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 191-210.

Marcos: A pedagogia freiriana foi, tem sido e sempre será política. No momento presente o que me interessa observar são as possibilidades que ela oferece. Para você ter uma ideia, cheguei aqui na Uniso hoje de manhã e li um e-mail da reitoria dizendo que a universidade decidiu incluir a todos estudantes da Uniso um componente curricular denominado “Universidade e Transformação Social” e quem estivesse interessado em ser professor desse novo componente poderia se inscrever. Eu nem li o e-mail todo, mas me inscrevi. Depois veio o comprovante da inscrição e fui imprimir-lo. Ao ler e-mail todo, para saber no que eu tinha me inscrito, descobri que o componente proposto vai tratar de Direitos Humanos, do papel da Universidade no Século XXI, diversidade étnico-cultural e consciência ecológica. O documento anexo trazia todos os detalhes e a bibliografia básica com dois livros do professor Aldo e o meu “O que é educação ambiental”. Fiquei muito feliz com a proposta e espero ser um dos professores desse componente.

No próximo semestre, todos os e as estudantes de graduação da Uniso, terão a possibilidade de discutir esses temas tão urgentes, num momento em que há uma recusa do governo federal atual não só por esses temas fundamentais e desafiadores, mas também, a Paulo Freire.

Quando falam “menos Paulo Freire” temos que responder com “mais Paulo Freire”, com estudo, ousadia, competência e pertinência.

Marta: *O aparecimento das narrativas ficcionais e a bio:grafia é uma tentativa de literatizar o discurso científico? Ou transformar o discurso da produção de conhecimento em educação em algo mais literário?*

Marcos: Não. Eu não tenho essa preocupação e objetivo de literatizar a ciência, mas, fui incorporando, a contribuição da literatura no meu trabalho de forma muito tranquila. Primeiro, porque eu sempre fui um leitor ávido. Eu sou um leitor que me posiciono diante do que leio, dos autores e autoras a quem dedico atenção e o meu tempo. A literatura teve uma importância vital para mim. Quando menino sempre lia o que aparecia pela frente. De bulas de remédio a gibis, passando pelas revistas de corte e costura que a minha mãe de vez em quando comprava para se manter atualizada “na lida”¹³. Poder ir à biblioteca e ficar “na minha”, lendo, é uma satisfação que conheço desde adolescente. A biblioteca do Instituto Índia Vanuíre em Tupã não era grande, mas tinha os clássicos. Cada vez, que você lê um livro bom, você espera que o seguinte seja melhor ainda. Eu sou um leitor exigente e tive a possibilidade de ler autores clássicos na adolescência, como Hermann Hesse, Dostoiévski, Clarice Lispector, Kafka, Jorge Amado, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Erico Veríssimo, Cecília Meirelles...

Quando eu fiz o doutorado, percebi que tinha muitas limitações, embora eu tivesse muito acesso à informação e estudado com professores e teóricos importantes. Eu vivia nas bibliotecas e fiquei amigo das bibliotecárias de lá... O

¹³ Nesse caso, “na lida” se remete à leitura.

doutorado em Louvain foi por isso, uma experiência única que me marca até hoje, tanto o doutorado oficial quanto o doutorado paralelo. O doutorado paralelo está relacionado com o cotidiano da própria cidade de Louvain-la-Neuve onde eu morava e onde moravam muitos estudantes estrangeiros. Tinha gente do mundo todo em Louvain-la-Neuve. Era uma cidade bem pequena. A gente se encontrava em todo lugar. Às vezes fazíamos seminários juntos. Nos finais de semana os e as estudantes belgas iam embora e só ficavam os “selvagens” como a gente se autodefinia e então, era almoço na casa de um, jantar na casa do outro. Sem falar das festas para um que estava indo embora ou para um que tinha defendido a tese...

Tinha festa praticamente toda semana, umas duas pelo menos, enfim, havia uma enorme convivência com pessoas das mais variadas formações e nacionalidades. Nesses encontros havia muita troca, informações sobre música, literatura, cinema, e também informações particulares, pessoais e políticas dos lugares de onde as pessoas vinham. Eu tinha amigos da Tunísia, Burundi, Ruanda, dos países da Europa do Leste, da América Latina. Fiz amizade com vários intelectuais belgas que frequentavam a universidade nos saraus, tertúlias, festas e comilanças. Foi assim que li “A jangada de Pedra” do Saramago que era um ilustre desconhecido fora de Portugal. Pude ver e ouvir em Louvain-la-Neuve, o dramaturgo Ionesco. Havia muita música, exposições, conferências, enfim a oferta era enorme. Fui assistir, em Antuérpia, peças de teatro bem radicais, uma delas dirigida por Tadeusz Kantor. Ia às exposições de artistas clássicos, modernos e pós-modernos. Em Bruxelas fui a concertos de Miles Davis, John Lurie, Eric Clapton com o Mark Knopfler (Dire Straits), Franco Battiato, Supertramp... Sem falar dos brasileiros que por lá passavam como Luiz Melodia, Hermeto Paschoal, Egbeto Gismonti, João Gilberto, a Tetê Espíndola com o Arrigo Barnabé...

Eram imperdíveis as viagens (muito baratas) a outros países que a universidade organizava. Esse cotidiano com muitas opções e recursos – humanos e culturais – foi um doutorado à parte. O acesso a tudo isso e o impacto que me provocava procurei enfatizar no livro “Ecologistas”, como uma tentativa de registrar o vivido. Como eu não pedi autorização alguma para ninguém para escrever sobre os acontecimentos que envolvia tanta gente e para não ferir a lealdade e camaradagem que eu havia recebido de pessoas queridas, procurei escrever, embaralhando os fatos, locais, datas e sentimentos dos “sujeitos da história”. Foi por uma questão ética (e não como exercício de linguagem) que se deu a construção de narrativas, que depois como já relatei, foram definidas como narrativas ficcionais.

Logo que eu cheguei aqui na Universidade de Sorocaba, quando a Joyce Ernesto da Silva Moron escreveu a dissertação¹⁴ dela, a presença da

¹⁴ MORON, Joyce Ernesto da Silva. **Laços e estilhaços numa trajetória de aprendizagem e ensino de ciências**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Sorocaba, 2001.

literatura se tornou um apoio teórico importante. Foi uma dissertação muito bonita. A Joyce é física de formação. Ela utilizava muito a Adélia Prado, como referência no texto. A Adélia Prado não era uma autora que eu lia. A Joyce falava que ela enfatizava o cotidiano. Foi uma descoberta. Me tornei um leitor assíduo e ganhei dela, da “dona” Adélia, livros autografados especialmente para mim. Além de excelente escritora, ela foi professora no Brasil profundo. Então esse universo do cotidiano escolar é relatado em vários contos e poemas da Adélia Prado e foi isso que a Joyce trabalhou. Na defesa dela, fiquei muito feliz. Eu ficava hospedado no hotel do lado do shopping que tinha uma livraria que eu frequentava. Eu sempre ia lá. No dia em que a Joyce defendeu a dissertação eu fui até a livraria e na vitrine tinha um livro do Milton Hatoum, o “Dois Irmãos”. O Milton e eu tínhamos amigos e amigas em comum. A gente nunca se encontrou em Manaus no tempo que eu trabalhei no INPA (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia), mas nossos amigos e amigas em comum, me diziam: “Ah! vocês precisam se encontrar”. E quando eu vi o livro dele, eu pensei: “O Milton Hatoum de Manaus aqui em Sorocaba”. Comprei o livro e fui pra Tupã visitar os meus pais. Eu estava na varanda de casa lendo o jornal e vi uma notinha informando que o Milton Hatoum ia dar um curso de extensão, de teoria literária na USP. Quando vi as datas e os horários vi que poderia fazer, daí eu me inscrevi. Fiz três vezes o mesmo curso... (não por ter sido reprovado!). Esse encontro com o Milton Hatoum, vai ter um impacto na minha escrita e fundamentação teórica, mas de forma alguma com pretensões literárias ou de literatizar a ciência.

Passei a considerar que a partir do momento em que você se pauta na noção de “sujeito da história” procurando enfatizar as subjetividades em outras palavras, procurando observar como esse sujeito da história se expressa, as bases teóricas e epistemológicas têm que ser outras. Tentando ainda responder a essa pergunta, eu mesmo me questionava: as narrativas teriam uma possibilidade de visualizar esse sujeito (único e diverso ao mesmo tempo) na história?

De forma geral, nas ciências humanas, você vai encontrar as possibilidades metodológicas das “histórias de vida”. Mas não era isso o que a Bárbara e eu procurávamos. Seriam autobiografias o que estávamos fazendo? Não. Também não era isso, e aí ela e eu fomos conversando e estudando sobre autobiografias e autoficções, mas com objetivos bem distantes da teoria literária, embora alguns autores de referência na teoria literária tenham sido muito úteis para nós, como por exemplo, Benedito Nunes, Paul Zumthor, Silvano Santiago e Walter Benjamin. Essa inquietação e insatisfação com as noções de “história de vida”, “autobiografia” e “autoficção” para o que tínhamos diante de nós (os textos narrativos escritos em processos de formação), nos obrigou a enfatizar o que estávamos fazendo e o que não estávamos fazendo, enfim, nos obrigou a (re)posicionar teoricamente nosso trabalho. Num gesto de ousadia e depois de uma conversa com a Nilda Alves em São Paulo

propusemos a noção de bio:grafia, com todo o problema que significa construir uma noção e ainda por cima intercalada com dois pontos.

Precisamos deixar claro que diante das narrativas produzidas em contextos de formação nós não estávamos empenhados em fazer interpretação de texto ou de discurso. O que fazíamos era um exercício “esgarçado” com a noção de “sujeito da história” que a questão “de qual história você é sujeito?” colocava aos anônimos para que eles se revelassem e se expusessem, através da escrita. E por que foi através da escrita? Porque das formas de expressão era aquela que eu tinha uma prática constante e uma reflexão. A prática da leitura me permitia pegar no texto e dizer, como leitor, “esse texto tem sentido, tem pertinência, merece ganhar o espaço público”. A Bárbara também é uma leitora rigorosa e a admiração dela pelo Paulo Leminski foi fundamental. Para nós os textos narrativos produzidos pelos anônimos e anônimas, dentro desse contexto teórico e pedagógico, adquirem e enfatizam a dimensão política das práticas sociais, ecológicas e da existência de cada um. Não tenho nenhum vínculo com essa proposta de “literalização da ciência” entendida como exercício de linguagem, argumento que é usado pelos meus críticos mais ortodoxos, obedientes e praticantes do que Thomas Kuhn definiu como “ciência normal”. Eu não estou interessado na “literalização da ciência” embora, possa sim, me situar nessa perspectiva.

O que me interessa é fazer com que as experiências dos anônimos e anônimas ganhem espaço público e que eles e elas se identifiquem como sujeitos de sua própria história, como autores de seu próprio processo de pesquisa e que possam exercitar a escrita de si. O que me interessa é a dimensão política de nossa existência e como podemos explicitar isso na educação, na educação ambiental, etc. A elaboração dessas noções de “narrativas ficcionais” e de “bio:grafia” foi muito trabalhosa, mas ao mesmo tempo desafiadora e criativa. Fui tentando fundamentar cada vez mais essas noções com os meus orientandos e orientandas e no meu grupo Perspectiva Ecológica de Educação.

Uma coisa que creio ser importante abordar foi a recepção desse processo de pesquisa, de docência, em determinados espaços, inclusive aqui na Universidade de Sorocaba (UNISO). Não foi nada fácil, mas eu não cedi. A pressão e críticas que eu recebia culminaram no texto “A contribuição política e pedagógica dos que vem das margens”, apresentado em 2009 na ANPED provocando um reboliço. Ouvi de renomados colegas a pergunta inquisidora “onde já se viu você apresentar um texto assim na ANPED?”. A professora Regina Leite Garcia me defendeu, enfatizando a pertinência do texto. Uma colega da UFPR associou o texto à uma música do Chico Buarque (Brejo da Cruz). Os colegas da mesa e do público ficaram discutindo e eu assistindo. Até que um deles, mais afoito e inquisidor, me perguntou “Afim, Reigota, quais são as suas referências bibliográficas”. Eu respondi “O Chico Buarque” e foi aquela gargalhada coletiva... A minha preocupação tem sido trazer para os

espaços públicos, acadêmicos e científicos as vozes não autorizadas. Isso é pura rebeldia. Isso é Paulo Freire.

Marta: Há o lado do Paulo Freire indisciplinado, mais livre, e que ficava, às vezes, ofuscado por esse lado do Freire ortodoxo, que leva à interpelação ideológica. Me parece que esse espírito contém certa alegria comunicativa muito viva nele, esse lado do nordeste. O frescor da alegria de viver. E uma certa indisciplinada. O Paulo Freire que você se alia é mais alegre?

Marcos: Sim! Existe nele um lado rebelde, nordestino, brasileiro. E quando escolho as narrativas não estou fazendo análise do discurso de jeito algum. Embora, a partir do momento que eu seleciono uma narrativa para colocar em um texto, para colocar em um livro, já estou fazendo uma opção que é resultante de uma análise teórica e política, mas não de uma pretensiosa interpretação de discurso. Como pesquisador não estou fazendo uma pesquisa que vai analisar o discurso do outro. As minhas orientações de pesquisas têm como objetivo principal buscar os espaços de possibilidades “do outro dizer o que ele tem a dizer”. Procuo identificar onde é que estão as brechas, onde é que estão as possibilidades que não são evidentes. Isso provoca destituição de uma autoridade científica definida à priori. A escolha de outras possibilidades exige de mim, como orientador, que a história a ser contada seja excessivamente bem fundamentada, pautada no diálogo conceitual e na legitimidade e pertinência pessoal, teórica e política do que se pretende contar.

Trata-se de um desnudamento. Trata-se da aventura de desnudar-se, como definimos num texto recente¹⁵ radicalizando e indo além dos argumentos e noções de uma famosa “professora foucaultiana”. A minha exigência de fundamentação é para permitir que aqueles sujeitos anônimos alcancem o espaço público a partir de uma discussão de produção de conhecimento, para que expressem seus posicionamentos políticos e sensibilidades. Nos últimos anos isso aconteceu em outros lugares também, com outros colegas, como o Murilo Mocheta, o Leandro Belinaso Guimarães, a Luciana Kind, a Dolores Galindo e tantos outros colegas do grupo Cotidiano e Práticas Sociais da ANPEPP. Em publicações recentes, dissertações e teses, verificamos a presença dos “sujeitos da história”, desnudando-se e revelando-se. Isso é movimento político e é também um movimento teórico, epistemológico, importante. São nesses movimentos que eu tenho trabalhado. Não tenho preocupação nenhuma que a ciência seja “literária”. Eu quero ter a possibilidade de fazer essa ciência que se quer política e que é também e ao mesmo tempo uma radicalidade criativa. Herdei essa rebeldia do Paulo Freire!

¹⁵ YANG, André Luiz Chaves; REIGOTA, Marcos; BARCHI, Rodrigo. Ecosofia tropical, educação ambiental canibal e a aventura de desnudar-se. **Linha Mestra**, n. 35, 2018, p. 265-277.

Marta: Você afirmaria que esta forma de orientação na produção de pesquisa é no fundo um modo de estimular a produção de conhecimento dentro da pesquisa, produção de outra cultura?

Marcos: Sim. Posso também fazer uma pesquisa bem tradicional, só não vou fazer pesquisa que apresenta gráficos em formato de pizza, mas eu posso fazer um texto, mais formal, mais convencional, se o tema exigir, ou aquilo que estiver pesquisando neste momento coincidir com isso, só que as coisas que estou envolvido, felizmente, nunca coincidem com esta formalidade, com esta exigência.

O que tem aparecido são temas desafiadores, e é o desafio que o tema traz que vai direcionar o percurso da pesquisa: o que vamos ler? Como é que vamos trabalhar? Como é que a redação se dará nesse contexto? Com quais autores queremos e podemos trabalhar? O que eu posso oferecer em relação ao que os meus orientandos e orientandas querem pesquisar é o que eu conheço, que eu já li, mas é também e principalmente o meu interesse em estudar com você o que é interessante para você, enfim, é uma parceria.

Não estou em busca de algo novo, ou de fazer algo novo, o que eu quero é que este tempo presente, o tempo de quem oriento, aqui e agora, tenha algum significado para que estejamos juntos e para continuarmos juntos.

Tem que ter um significado e o compartilhamento de que o que fizemos tenha pertinência política e pedagógica. É um desafio enorme possibilitar que o que se apresenta como proposta inicial, que está tão incipiente cresça e aglutine, conquistando um espaço de legitimidade institucional e pessoal. Eu digo sempre que minha preocupação é política. No sentido do reconhecimento dos direitos e do respeito às diferenças e como isso acontece (ou não) em situações do dia a dia, em situações do cotidiano. No processo de pesquisa sempre chega aquela hora “H”, que é um questionamento do que se quer, do que se pretende e do que é possível. Nesse momento somos obrigados a nos posicionarmos e fazermos escolhas. Em algumas situações já não é mais possível voltar atrás, seja na sua própria vida ou nas formas de se fazer a pesquisa. Não há mais lugar (na vida) e na pesquisa para gráficos em formato de pizza, citação de autores “certos”, formatação padronizada e obediência ideológica para que “qualificadas” revistas e editoras se interesse pelo o que você escreveu. Aí não dá!

Marta: *Ou o que se faz em todos os PPG de Educação?*

Marcos: É aquela repetição, você pega a mesma frase do Paulo Freire, a mesma frase do Foucault, você vai encontrar em vários trabalhos, é isso que eu não quero alimentar. Porque não é necessário essa repetição e esse comodismo. O que a gente pode inventar? Reinventar? Ressignificar? É aí que estou falando de política. É quando o que se faz tem um significado na trajetória de cada um que se propõe a pesquisar. A força e pertinência desse significado poderá influenciar outras práticas pedagógicas e ampliar o universo da compreensão das dificuldades do tempo presente. Quais são as alternativas

que a gente busca? O que é possível fazer? Onde esbarra? E eu coloco tudo isso que estou falando como política. Política que aparece na nossa existência cotidiana, naquilo que você pode alterar ou não. Então realmente eu não estou preocupado com “novidades”, mas sim em observar os instantes e o que eles carregam como “Big Bang”.

O que um encontro vai possibilitar? O que um texto vai possibilitar? O que ele vai alterar, e onde ele vai alterar alguma coisa do que aí está? O que eu tenho observado é que, às vezes, as pessoas não aguentam provocarem tanta alteração nas suas vidas. É tanta alteração que tira a pessoa “em formação” do seu lugar comum e isso pode ser muito desconfortável.

Ontem tivemos aqui na UNISO a Semana da Psicologia, eu participei de uma mesa, e estava falando disso. Quando a gente está trabalhando com noções como bio:grafia, sujeito da história, isso é muito arriscado. Porque você não sabe como a pessoa elabora, reelabora, a sua própria trajetória. Até onde eu posso pedir para a pessoa avançar na reflexão dela, considerando que ela está revirando do avesso o seu processo de subjetivação? Eu não sou psicólogo, eu não tenho as técnicas necessárias para lidar com os traumas de cada um. Eu estou falando de subjetividade, a partir das práticas pedagógicas e não de uma orientação psicológica.

Aí as práticas pedagógicas de produção de sentidos têm um limite enorme. Principalmente porque aquelas histórias, as que chegam para mim, são as que posso trabalhar como educador e pesquisador em educação, mas não, repito, como psicólogo. Às vezes são histórias de vida muito traumáticas, situações muito difíceis que as pessoas vivenciaram. A nossa salinha no PPGE é um mar de lágrimas. O que é que trabalhar com essas noções provocam em cada um?

O quanto custa para que cada um, poder se reconhecer como cidadão? Como sujeito de direito, através da educação? Quanto custa para você se reconhecer como gente? Que preço você paga? Esse ponto de chegada no “reconhecer-se” não tem retorno. Não tem volta. Então é muito mais cômodo, para muitas pessoas, permanecerem num estado letárgico de ignorância, de submissão e de aceitação da banalidade de sua existência e em casos mais extremos e negativos, assumir os desejos e ações do opressor, como Paulo Freire indicou. Essa sujeição ao opressor está presente até no modo de se produzir conhecimento acadêmico. Então é preciso orientar esse processo de reconhecimento de si, na dimensão do cidadão sujeito de uma história que é só sua. Isso pode ser muito doloroso e acarretar desnudamento nem sempre bem-vindo. Não se trata de forma alguma de narrar uma “historinha”. É justamente neste ponto a crítica de grupos que são contrários ao que fazemos que dizem: “Vocês não têm rigor acadêmico” e logo vem a pergunta: “onde é que vocês publicarão um texto assim? “Como se o reconhecimento de si como cidadão fosse o menos importante na pesquisa acadêmica sobre educação, ou que fosse apenas uma “historinha”! Mas não fujo da briga, não. Essa crítica anacrônica, preconceituosa e conservadora é feita por colegas que não

reconhecem a história do outro, as lutas pessoais dos anônimos e anônimas, como temas caros à educação contemporânea. Este é o meu desafio constante. Reconheço meus limites técnicos, porque estou provocando a pedagogia, a educação e outros campos das (des)humanidades, então tenho procurado aprofundar os diálogos com a psicologia social e clínica, assim como com a filosofia e a produção artística e literária, desconstrucionistas e anticoloniais.

Eu acho que tem uma provocação muito grande aí, quando você fala nessa pedagogia porque essa pedagogia que você fala, e pratica/faz, tem muito desse labor, de uma vida da docência, de participar de um projeto como da Universidade de Sorocaba (UNISO) que começava. Carrega uma coerência, e não é simplesmente esta palavra que está na boca de todos, uma pedagogia conversando com Paulo Freire, seriam muitas pedagogias que cabem dentro desta palavra pedagogia, muitas vertentes, muitas fontes. Quanto eu falo, na minha pesquisa, eu falo em “n” pedagogias, é de um pedagógico que está diretamente ligado com um processo não se dissocia no pensamento e na ação, de assumir o caminho diferente espinhoso de trabalhar educação.

Marta: *Qual a importância e qual a sua percepção desse Brasil profundo que você acolhe nas pesquisas que orienta? Fale um pouco disso.*

Marcos: Essa ideia, ela não me é externa, não é uma coisa que aprendi e que incorporei. Ela é da minha própria trajetória, marcada pelos lugares e culturas de onde eu venho, marcada pelas pessoas com as quais eu convivi no meu processo de formação, a minha família, os meus amigos e pelas dificuldades que tivemos para estudar. Busco apoios no Paulo Freire, no Pierre Bourdieu, no Walter Benjamin, mas também nos sambistas e nos psicodélicos, na Yoko Ono e em tantos outros e outras inconformistas que vou deglutindo como um faminto bicho do mato, que não desperdiça alimento e que só depois verifica o efeito do que ingeriu. Então esse canibalismo, acabou caracterizando um pensamento, que não é nada primitivo ou provinciano, embora tenha se iniciado nas profundezas de uma província.

Eu sou um homem contemporâneo. Eu quis viajar pelo mundo, eu viajei, eu quis escrever, eu escrevi, eu quis ter um casamento não convencional, eu tive. Eu vivo do meu trabalho. Eu vivo do jeito que eu quero viver. Isto é um projeto de vida que eu chamo de ecológico, que foi sendo elaborado nestas circunstâncias, num momento muito difícil. Eu começo a minha escolaridade em 1963, no ano seguinte foi o Golpe de Estado. Fui para a Bélgica em 1985 quando chegava ao fim a ditadura civil-militar. Eu nunca tinha saído do Brasil e chego na Europa marcado por uma história que ninguém conhecia ou tinha interesse. Me deparo, na chegada, com uma Europa conservadora, que não era nada daquilo que eu pensava ou que tinha acesso. Até que eu fiz amizade com os “selvagens” que por lá também estavam, não como serviços colonizados, mas como estudantes e pesquisadores.

Onde está a Europa da liberdade pós-68? Me perguntava! Em Amsterdam? Onde estava isso na Bélgica? Onde estavam os grupos anarquistas, alternativos e autonomistas da Bélgica e de outros países que pude conhecer? Eu fui atrás. Me deparar com pessoas da minha geração em Louvain, mas com culturas tão diferentes foi extraordinário. Um era muçulmano, outro era budista, outro era anarquista, outro era católico praticante... As moças do Quênia, do Congo (Zaire, na época), da Colômbia, da Noruega, da Finlândia eram lindas e adoravam dançar. Estávamos estudando e vivendo no campus de uma tradicional e centenária universidade católica. Um chegava do Chile fugindo do Pinochet, outro chegava da Nicarágua contando sobre a revolução. A gente fazia feijoada na casa da Ana Angélica (que estudava a recepção do Machado de Assis por lá). Íamos comprar feijão preto num mercado africano em Bruxelas. Trocávamos a couve por folhas de mostarda e estava tudo certo.

Então essa coisa antropofágica esteve sempre presente, no meu interesse, como uma forma de viver, e isso faz com que esse Brasil profundo se manifeste no meu trabalho. Eu trago o Brasil profundo como uma riqueza e não como um provincianismo, como alguma coisa atrasada. Claro que tem muito conservadorismo por esses lados, coisas horríveis acontecem nestes lugares, não estou fazendo um elogio ingênuo, nem ocultando as barbaridades, mas o que enfatizo é justamente esse mundo que as ciências sociais e humanas tentam apagar como se não existisse. É o mundo das lindas colchas de retalho. (Como você já deve ter ouvido no mundo acadêmico brasileiro, colcha de retalho é sinônimo de coisa tosca e malfeita, não é?) Eu venho dele, eu venho de um lugar à margem, onde por exemplo, as pessoas que não tinham nada, os mendigos que dormiam na praça iam até a minha casa e minha mãe oferecia água gelada, porque com aquele calor, tínhamos que dar água gelada. Então esses detalhes de generosidade e de solidariedade são importantes, como quando, a vizinha fica doente e a gente ouve: - “Ah! tenho que ir lá visitar a minha amiga. Ela pode estar precisando de alguma coisa.” Essa gentileza e solidariedade foram sendo apagadas e ignoradas pelos “estudados”. Aquela preocupação solidária de ver se está tudo bem com o outro...]

Eu venho desse mundo, claro que extremamente conservador, mas também muito generoso. Eu acho que essas sutilezas e generosidades são ecológicas. É isso que eu quero enfatizar: o respeito pela vida do outro, ou pelo menos até um limite, porque tem também os “sinhozinhos”, os brutalhões, aqueles que mandam matar seus adversários. Mas esse segundo exemplo se encontra também (e principalmente) nas metrópoles e capitais. Estou plenamente consciente, por isso busco as brechas, os pequenos detalhes das generosidades e os que eles significam e oferecem como possibilidades. A minha trajetória é reflexo disso que eu estou narrando. Esse Brasil profundo, eu não chego nele, não busco, não tento trazê-lo em evidência por uma orientação teórica, ele é resultado desta arqueologia, de uma busca de compreensão do

que significa o ponto de partida de cada um. E aí, pouco importa se seu ponto de partida está numa cidadezinha do interior ou numa grande metrópole. Porque o colega pode ter nascido e vivido na grande metrópole, estudado nas melhores escolas e ser um boçal. “Pode ter muito estudo, mas não tem nenhuma educação”, como dizia minha mãe. A minha curiosidade, é saber quais foram as experiências do outro em relação a estas mesmas coisas: as generosidades e brutalidades cotidianas.

Então ir mapeando diferentes formas de viver, inclusive que explicam muita coisa do que estamos vivendo hoje: um profundo desprezo por este Brasil provinciano, por este Brasil das pessoas simples, das pessoas que só tem a TV como acesso, ou a igreja e que convivem com o “sinhozinho” que rouba, mas distribuí no dia da quermesse alguma coisa. Quais são estratégias de sobrevivência, não só de sobrevivência material, mas de sobreviver num universo tão hostil?

Marta: *É como uma variável de pesquisa!*

Marcos: Você vê isso nas músicas, nas festas, nas pichações, fotografias... Porque em todos os lugares têm os seus pensadores, têm aqueles que fazem a “leitura mundo” em que vivem e que transformam esta vivência em algo com significado para além daquele lugar em que eles estão. Você vê isso nos artistas, o próprio movimento que você conhece: De onde vem a Tetê? De onde vem o Itamar Assunção?

Marta: *Denise Assunção, José Celso, Chico César.*

Marcos: Essas pessoas todas, como eu, como você, como praticamente todos e todas aqui em Sorocaba. A gente chega na grande cidade carregado de experiências e de “leituras do mundo”. Belchior, Milton Hatoum e tantos outros fizeram obras que marcaram o tempo presente, pautadas nisso. No nosso caso a gente está trazendo para os espaços públicos, para os espaço acadêmicos, as experiências, tudo aquilo que a gente viu, presenciou, deglutiu e criou.

Marta: *A vida não está centralizada, é a força legítima de uma coisa que está sempre submersa.*

Marcos: Viajei tanto, conheço tanta gente, tantos lugares, tenho tantos amigos, em todo o lugar que eu vou, sou a mesma pessoa. Por mais que eu tenha estudado, por mais que eu tenha viajado, por mais que eu esteja distante do meu ponto de partida em “n” situações, eu me vejo, continuo aquele moleque descalço daquelas ruas de Promissão. Porque foi ali que uma concepção de vida, de sociedade, de relações, surgiu e que me coube. Não foi uma concepção que eu tenha recusado depois, pelo contrário. É como uma tatuagem. Fiz. Gostei. Ficou. Com todas as suas consequências, porque eu não sou mais um menino, nem um adolescente de uma cidade pequena, onde você conhece a família e os vizinhos do seu amigo. Então eu me pego ainda assim “inocente, puro e besta” (como cantava o Raul Seixas) mas, veja, essa

ingenuidade não é algo que eu quero me desfazer. Essas tatuagens iniciais são lindas, e se eu posso cometer equívocos por conta delas, tudo bem! Eu prefiro esses equívocos, do que outros, provocados por assumir posturas que não têm nada a ver comigo, que eu não as reconheço como sendo minhas.

Marta: *Não é uma coisa intelectualista, de que você adquiriu, e está num patamar superior... Preservar.*

Marcos: Eu não sei se é preservar, é uma forma de ser que eu acho bonito. Eu tenho amigos de infância. Ontem a professora que veio aqui na Semana da Psicologia, que dividiu a mesa comigo, eu não a conhecia, ela é professora na UNIP, e ela estudou na UNESP em Bauru, aí eu perguntei: “Você foi aluna do Oswaldo Gradella?” Ela respondeu que sim e eu engatei: “ele é meu amigo de infância, nós fizemos o primário juntos”. Tenho amigos de quando eu tinha oito anos de idade. São meus amigos até hoje. Eu acho isso ecológico.

Marta: *Ter uma postura ecológica, é uma relação onde/quando você vai se transformando, vai passando o tempo, mas aquela relação está ali, trocando sinais, mesmo que seja a distância...*

Marcos: Os dois últimos textos, que eu concluí em março, e o que estou concluindo atualmente para a Nita Freire, abordam essas questões. Um deles tem como título “Arqueologia y devenires de una amistad”¹⁶. Depois te passo o texto para você ter uma ideia do que se trata. De como isso, o que estamos falando, de um Brasil profundo, vai chegar nestes dois últimos textos, cosmopolitas, que são das relações construídas, com estas características, em situações cosmopolitas, em relações completamente contemporâneas. Então o que eu quero dizer, aquele ponto de partida, não permaneceria sem uma modificação que fosse na direção do contemporâneo, de uma ousadia teórica, de uma ousadia política que reflete toda esta formação acadêmica e de interações feitas e compreendidas no processo de pesquisa. Eu tive a oportunidade de escrever estes dois textos, vou contar rapidamente sobre eles.

Esse artigo é uma homenagem ao Álvaro Márquez Fernández, editor da revista venezuelana “Utopia y Praxis”. Ele faleceu no final do ano passado e a esposa dele me enviou um e-mail me convidando para participar de um número da revista em homenagem ao Álvaro que ela e o novo editor estavam organizando. Quando eu disse sim, ainda não sabia que ele havia falecido. Tinha inicialmente pensado em escrever o texto de uma forma e a partir do momento que eu soube do falecimento dele essa forma e conteúdo mudaram completamente. Optei por narrar como nós nos conhecemos, na época em que estava em Frankfurt escrevendo o “Ecologistas” e como posteriormente ele foi um dos principais responsáveis pela divulgação do meu trabalho pela América Latina. O convite para escrever este texto me chegou num momento em que

¹⁶ Publicado na **Revista Utopia y Praxis Latinoamericana**, v.24, 2019, p.128-136.

estava lendo vários livros, nos quais a amizade era um conceito central. Então eu utilizei essas leituras para fundamentar e narrar a importância da amizade e particularmente de minha amizade com o Álvaro na construção de conhecimentos e de possibilidades ecologistas. Quando estava finalizando este texto veio o convite da Nita Freire para eu escrever o que eu estou concluindo agora

Neste segundo texto dou continuidade a esta noção de amizade. Ainda não o conclui por isso não vou dar detalhes. Mas esse sentimento de amizade elaborado no Brasil profundo é um aspecto importante nesse segundo artigo. Eu procuro enfatizar a amizade como um elemento fundamental da Perspectiva Ecologista de Educação.

Marta: *O que isso provoca? O que possibilita? Inclusive para a difusão de um conhecimento. Fora que tem pertinência em qualquer lugar do mundo.*

Marcos: Porque é um sentimento universal e atemporal. Ele está presente na história da humanidade, em documentos, na literatura, na escultura, em toda a parte, incluindo em outros seres vivos que não o bicho homem.

Não é amizade de aparências e de interesses. A minha compreensão desta noção universal e atemporal tem esta particularidade, porque foi ali naquele Brasil profundo que eu aprendi esta noção universal que eu pude praticá-la nos mais diferentes contextos, dos mais humildes aos mais sofisticados. Enfatizo o quanto a amizade é importante do ponto vista, pedagógico, político e ecológico. Então esse Brasil profundo é tão evidente, verdadeiro, e talvez por isso ele tenha essa força, pela veracidade, pela honestidade deste argumento, deste sentimento. E é claro acaba influenciando no tipo de trabalho que produzimos.

Não teríamos chegado aos resultados que a gente chegou, se não tivesse no que fazemos uma relação de afeto. Paulo Freire fala disso quando se refere ao que ele denomina “amorosidade”. Não é uma palavra que eu goste, talvez a única dele que eu não goste. Eu acho que “amorosidade” não dá conta de tudo que está implícito. Não gosto da palavra, mas a ideia é excelente. Como são as relações afetuosas na produção dos trabalhos acadêmicos? Como essas relações manifestam-se na pesquisa? Se não existisse esse afeto, essa “amorosidade” creio que não teríamos conseguido o resultado que temos.

Marta: *Tem aí uma atmosfera de intimidade. Tem uma relação.*

Marcos: Sim. Mas a própria reflexão que está relacionada com este Brasil profundo e que está relacionada com o falecimento dos meus pais recentemente e com o que isto me provocou. Quando eu recebi o e-mail da esposa do Álvaro, eu estava em casa, no meu retiro de luto, porque fazia 4 anos do falecimento da minha mãe. Esta relação de afeto, aparece, não como um conceito pautado em algum teórico, mas como um sentimento experimentado e vivido. Fui depurando uma terminologia e fazendo a arqueologia de uma palavra: amizade. Ela se apresentou para mim como se

me dissesse: “Olha eu estou aqui e sempre estive aqui. Eu sempre marquei as suas relações”. Foi muito bonito perceber a importância dessa noção de amizade relacionada com o meu do ponto de partida, com a origem das coisas. Não esquecer.

Marta: *Você viu meu livro, você quis me conhecer, e aí que criou uma ligação esta relação, essa percepção, perspicaz, captar o importante desta relação, isso é uma perspectiva ecologista.*

Marcos: Exatamente. Às vezes, continuo menino interiorano, achando que aquele que brincava comigo, vai ficar para sempre ao meu lado. É onde eu sofro um pouco, porque umas pessoas ficam e outras não... Ainda hoje me assusta o afastamento das pessoas, isso é muito ingênuo, eu sei, mas isso acontece... As pessoas com quem eu trabalhei, pautado na relação de amizade e de respeito, ficam e ampliam as tatuagens pelo corpo, mesmo que não nos encontremos mais.

Marta: *Tem pessoas que querem esquecer...*

Marcos: Para encerrar, porque eu vou pegar o ônibus das 16h45. A pergunta seria: Onde eu encontro este Brasil profundo, e como ele está relacionado com o cosmopolitismo e com os desafios do tempo presente? O Brasil profundo não é necessariamente um lugar provinciano, nem ingênuo. Que isso fique bem claro.

E o sol se pôs...